

São Paulo, 04 de abril de 2006

NOTA À IMPRENSA

## **Cesta básica tem alta em nove capitais**

Os preços dos gêneros alimentícios essenciais apresentaram, em março, comportamento diferente ao dos dois últimos meses, nas 16 capitais onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica. Se em janeiro e fevereiro houve predominantemente queda no preço dos produtos básicos, em março nove localidades registraram alta. Os principais aumentos ocorreram no Nordeste: Recife (4,86%), Salvador (4,61%), João Pessoa (3,58%) e Aracaju (2,11%). As quedas mais significativas foram apuradas no Rio de Janeiro (-2,28%), Fortaleza (-1,94%), Florianópolis (-1,65%) e Porto Alegre (-1,26%).

Em consequência de uma elevação de 0,99%, a capital paulista continuou a ser a cidade com a cesta básica mais cara – R\$ 177,28. Apenas em São Paulo e Brasília (R\$ 173,29), o custo da cesta superou R\$ 170,00. Fortaleza manteve-se como a localidade com menor valor para a ração essencial mínima (R\$ 125,03), bem menor que o verificado em Natal (R\$ 132,26), a segunda mais barata.

Com base no custo mais elevado do conjunto de gêneros essenciais e levando em consideração o preceito constitucional que determina que o salário mínimo deve ser suficiente para a manutenção de uma família, suprindo suas necessidades com alimentação, moradia, transporte, vestuário, saúde, educação, higiene, lazer e previdência, o DIEESE estima, mensalmente, o valor do salário mínimo necessário. Em março, ele deveria corresponder a **R\$ 1.489,33**, ou seja, 4,96 vezes o mínimo vigente (R\$ 300,00), um valor ligeiramente superior ao de fevereiro, quando correspondia a R\$ 1.474,71 e equivalia a 4,92 vezes o salário mínimo. Em março de 2005, o mínimo necessário ficava em R\$ 1.477,49, 5,68 vezes o mínimo de então (R\$ 260,00).

## Variações acumuladas

Goiânia continua a ser a única capital onde o preço da cesta básica nos primeiros meses de 2006 – entre janeiro e março – registrou alta, com aumento de 0,37%. Em todas as outras 15 cidades o DIEESE apurou variações negativas que se situaram entre -1,59% (em Salvador) e -14,22% (em Porto Alegre).

Em 12 meses - entre abril de 2005 e março de 2006 – nove localidades registraram alta no custo da cesta. A maior elevação ocorreu em Belo Horizonte (4,77%) e a menor em São Paulo (0,80%). Das sete cidades com retração, a mais significativa foi verificada em Porto Alegre (-6,57%), enquanto em Natal foi de -0,69%.

**TABELA**  
**Pesquisa Nacional da Cesta Básica**  
**Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais**  
**Brasil – Março 2006**

CAPITAL	VARIAÇÃO MENSAL (%)	VALOR DA CESTA (R\$)	PORCENTAGEM DO SALÁRIO MÍNIMO LÍQUIDO	TEMPO DE TRABALHO	VARIAÇÃO NO ANO (%)	VARIAÇÃO ANUAL (%)
RECIFE	4,86	133,46	48,17	97h 52min	- 4,88	1,73
SALVADOR	4,61	134,03	48,38	98h 17min	-1,59	1,08
JOÃO PESSOA	3,58	134,25	48,46	98h 27min	- 7,16	1,09
ARACAJU	2,11	136,22	49,17	99h 54min	-6,25	1,98
CURITIBA	1,51	161,61	58,33	118h 31min	- 8,65	-2,83
BELO HORIZONTE	1,37	164,98	59,55	120h 59min	-6,73	4,77
SÃO PAULO	0,99	177,28	63,99	130h 00min	- 3,35	0,80
BELÉM	0,96	146,29	52,80	107h 17min	-6,68	-5,43
VITÓRIA	0,75	160,61	57,97	117h 47min	-3,02	0,85
GOIÂNIA	-0,12	149,67	54,02	109h 45min	0,37	-4,35
NATAL	-0,39	132,26	47,74	96h 59min	-2,69	-0,69
BRASÍLIA	-0,49	173,29	62,55	127h 05min	-2,21	3,59
PORTO ALEGRE	- 1,26	164,10	59,23	120h 20min	-14,22	-6,57
FLORIANÓPOLIS	-1,65	158,28	57,13	116h 04min	- 8,31	-2,14
FORTALEZA	- 1,94	125,03	45,13	91h 41min	-6,02	-1,88
RIO DE JANEIRO	-2,28	168,68	60,88	123h 42min	-5,28	0,99

Fonte: DIEESE

## Jornada de trabalho

O tempo de trabalho necessário – 110 horas e 55 minutos – para quem tem salário equivalente a um mínimo adquirir uma cesta básica manteve-se, em março, em patamar semelhante ao apurado em fevereiro (110 horas e 12 minutos). Esta jornada é inferior à exigida em março de 2005, quando chegava a 128 horas e 39 minutos.

Quando se considera o salário mínimo líquido – após o desconto da parcela referente à Previdência Social – verifica-se que, em março, o trabalhador que ganha salário mínimo, na média das 16 capitais, comprometeu, em março (54,59%), uma parcela semelhante de seu rendimento líquido à exigida em fevereiro (54,24%) para comprar o conjunto de produtos alimentícios essenciais. Em março de 2005, a mesma aquisição demandava 63,32% de seus ganhos.

### **Comportamento dos preços**

Em março, houve predominância de alta entre os itens que compõem a cesta básica na maior parte das capitais. Os destaques foram o açúcar, o feijão e o tomate.

O açúcar – com a entressafra da cana e forte pressão do mercado internacional - registrou alta em 14 capitais, com destaque para Belém (14,12%), Brasília (12,57%), Goiânia (11,82%) e Natal (10,71%). Também em 12 meses o produto apresenta aumento, neste caso em todas as localidades pesquisadas. Em seis cidades a elevação supera 40%: João Pessoa (59,79%), Salvador (54,05%), Recife (51,43%), Natal (46,23%), São Paulo (42,15%) e Florianópolis (41,09%).

Onze capitais apresentaram alta, em março, no preço do feijão, dez delas localidades onde é acompanhado o feijão de cores. Os principais aumentos ocorreram em Salvador (29,98%), Recife (24,60%), Aracaju (22,87%) e São Paulo (18,94%). Dentre as seis cidades onde é pesquisado o feijão preto apenas em uma, Rio de Janeiro (1,44%) houve um pequeno aumento. As principais quedas foram verificadas em Florianópolis (-6,85%) e Vitória (-5,47%). Em comparação com março de 2005, o feijão subiu em 13 capitais, com os principais aumentos ocorridos em Belo Horizonte (29,82%), Salvador (26,25%), João Pessoa (25,30%) e Recife (25,10%). Retrações foram apuradas em cinco capitais, a mais expressiva em Belém (-4,63%). A seca na região produtora da Bahia provocou quebra de safra, resultando em aumentos significativos.

O tomate também subiu em 11 capitais, com os maiores aumentos notados em Recife (36,36%), Vitória (23,08%) e Curitiba (21,00%). As quedas mais significativas ocorreram no Rio de Janeiro (-18,79%), Fortaleza (-13,79%) e Florianópolis (-12,30%). Em um ano, porém, o produto apresentou recuo em todas as 16 cidades, registrando variações negativas entre -1,96%, em Fortaleza, a -36,31%, em Florianópolis. A flutuação do preço do tomate está fortemente relacionada ao clima, que atualmente está mais propício à produção.

Apesar de se encontrar em época de safra, o preço do leite encontra-se em alta, comportamento verificado em dez capitais. Os maiores aumentos foram apurados em Aracaju (5,04%), Florianópolis (3,74%) e Belo Horizonte (3,31%). Em São Paulo e Brasília houve estabilidade e retrações ocorreram em quatro localidades, em especial, no Rio de Janeiro (-8,21%) e Vitória (-2,40%). Em relação à março de 2005, o preço do leite reduziu-se em

nove cidades, principalmente em João Pessoa (-7,75%) e Curitiba (-7,37%). Houve alta em seis localidades, a maior em Belém (9,72%) e estabilidade em Vitória.

A carne, produto de maior peso na cesta básica, subiu em nove capitais, com destaque para João Pessoa (4,41%) e Rio de Janeiro (3,26%), e recuou em outras sete, as mais significativas detectadas em Natal (-4,45%) e Salvador (-2,82%). Em 12 meses foram apurados aumentos em 11 cidades, em particular em Florianópolis (8,00%), Aracaju (7,49%) e Recife (7,38%). Não houve variação em Salvador e a maior queda ocorreu em São Paulo (-2,57%).

Entre os produtos que apresentaram predomínio de redução, não houve um comportamento generalizado e as quedas foram apuradas em, no máximo, nove capitais, caso do arroz, pão e café.

As mais significativas reduções no preço do arroz ocorreram em Fortaleza (-13,14%), Porto Alegre (-9,65%) e Florianópolis (-7,09%). Em Belém, a variação foi nula e em outras seis cidades foram apurados aumentos, em especial, em Curitiba (12,03%), Salvador (5,37%) e Rio de Janeiro (4,37%). Entre março de 2005 e o mês passado o preço do arroz caiu em 15 regiões, com variações entre -0,52%, em Salvador, a -38,72%, em Belém. Com o final do efeito da extinção de impostos federais (PIS/Pasep e Cofins), a entrada da safra é justificativa para o barateamento do produto.

A redução no preço do pão teve como destaque o comportamento apurado em Recife (-2,51%) e Fortaleza (-2,48%). Houve estabilidade em São Paulo e João Pessoa e elevações em outras cinco cidades, em especial, em Florianópolis (3,89%) e Salvador (3,65%). Em 12 meses, foram verificados aumentos em 11 localidades, principalmente em João Pessoa (14,29%), Curitiba (8,03%) e Salvador (7,28%). Em quatro houve redução, com destaque para Natal (-3,37%) e Florianópolis (-2,06%).

Dentre as nove capitais onde o preço do café baixou destacaram-se, em março, Florianópolis (-4,63%), Natal (-3,29%) e Fortaleza (-3,06%). Os preços não se alteraram em Recife, Vitória e Aracaju. Aumentos foram apurados em quatro cidades, em especial em Brasília (9,18%) e João Pessoa (3,98%). Em 12 meses, o café está mais caro em 12 capitais, principalmente no Rio de Janeiro (33,27%) e João Pessoa (15,20%). As quedas ficaram entre -2,49%, observada em Goiânia e -14,41%, em Fortaleza.

## **São Paulo**

Na capital paulista, a cesta básica apresentou, em março uma pequena elevação de 0,99%, o que aumentou seu preço para R\$ 177,28, mantendo-se como a mais cara dentre as 16 cidades pesquisadas. Nos três primeiros meses de 2006, seu custo apresentou recuo de 3,35%, enquanto em relação a março de 2005 subiu 0,80%.

Quatro itens cujos preços subiram foram determinantes para que a cesta básica do paulistano registrasse comportamento altista: feijão carioca (18,94%), açúcar refinado (5,52%), tomate (4,79%) e manteiga (0,35%). Dois produtos – leite *in natura* tipo C e pão francês – ficaram estáveis enquanto outros sete itens caíram: batata (-3,66%), arroz agulhinha tipo 2 (-3,08%), café em pó (-2,11%), carne bovina de primeira (-1,76%), farinha de trigo (-1,27%), óleo de soja (-1,10%) e banana nanica (-0,59%).

A variação de 0,80% apurada para o período de 12 meses – entre abril de 2005 e março último – foi ocasionada pela alta verificada em sete produtos: açúcar (42,15%), feijão (24,17%), café (7,59%), banana (4,65%), leite (4,31%), pão (3,84%) e batata (1,66%). As retrações ocorreram para: tomate (-18,22%), óleo de soja (-13,46%), arroz (-12,50%), carne (-2,57%) e manteiga (-1,79%).

O assalariado paulistano cujo rendimento equivale a um salário mínimo precisou cumprir, em março, uma jornada de 130 horas, ligeiramente maior que a exigida em fevereiro, de 128 horas e 44 minutos para adquirir os 13 produtos da cesta básica prevista no decreto lei 399, de abril de 1938. Esta jornada é bem menor que a necessária em março do ano passado, quando atingia a 148 horas e 49 minutos.

Também quando se considera o valor do salário mínimo líquido, verifica-se a redução do percentual comprometido com a compra dos gêneros essenciais, pois em março foram necessários 63,99% desse rendimento para a aquisição dos mesmos bens que exigiam, em fevereiro 63,36% de um salário mínimo. Em março de 2005, a compra dos produtos alimentícios básicos demandava 73,25%.